

SESSÕES DO PLENÁRIO

36ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 14 de junho de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEM LULA (1ª SECRETÁRIA)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadã Baiana à professora Maria Helena Ochi Flexor, proposta por esta deputada Maria del Carmen.

Convido para compor a Mesa a Sr.^a Diretora da Escola de Belas Artes, professora Nanci Santos Novais, que, neste ato, representa o reitor da Universidade Federal da Bahia, professor João Carlos Salles Pires; a Sr.^a ex-Vice-Reitora da Universidade Católica do Salvador, Liliana Mercuri; a Sr.^a Professora da Universidade Federal de Sergipe, filha da homenageada, Carina Flexor; o Sr. ex-Deputado Estadual, ex-deputado desta Casa, ex-deputado federal, juiz do Tribunal Regional do Trabalho Gorgônio Neto; o Sr. Arquiteto, amigo, ex-aluno da homenageada, meu amigo, também, pessoal, arquiteto Paulo Maciel; o Sr. ex-Aluno e designer gráfico Frederico Regis. (Palmas)

Agora, solicito ao cerimonial para que conduza a este recinto a nossa homenageada, a professora Maria Helena Ochi Flexor.

(A homenageada é conduzida ao plenário.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Bom dia a todos e a todas!

Agora, convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional. (Procede-se à execução do Hino Nacional.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Como proponente desta homenagem, vou fazer o meu pronunciamento ali, da tribuna.

A Sr.^a MARIA DEL CARMEM LULA: Mais uma vez, bom dia a todas e todos.

Agradecer pela presença a todos; cumprimentar nossa Mesa brilhante; cumprimentando a Sr.^a Diretora da Escola de Belas Artes, professora Nancy Santos Novaes, que neste ato representa o reitor da Universidade Federal da Bahia, professor João Carlos Salles Pires; a Sr.^a Ex-Vice-Reitora da Universidade Católica do Salvador, Liliana Mercuri, agradecendo por sua presença; a Sr.^a Professora da Universidade Federal de Sergipe, filha da homenageada, Carina Flexor; o Sr. Ex-Deputado Estadual, desta Casa, portanto, ex-deputado federal e juiz do Tribunal Regional do Trabalho, Dr. Gorgônio Neto; o meu amigo e amigo da homenageada e ex-aluno da professora Maria Helena, arquiteto Paulo Maciel; seu ex-aluno em Design Gráfico Frederico Régis, ex-

aluno da professora; e cumprimentando muito carinhosamente a nossa professora doutora homenageada, professora Maria Helena Ochi Flexor.

(Lê) “Antes de iniciarmos esta sessão, quero lembrar que ela acontece em uma data muito importante, dia em que todos os brasileiros entram em greve contra os cortes nos nossos direitos, os cortes, de modo especial, nas universidades, que este (des)governo de Jair Bolsonaro está tentando impor.

Entretanto, não poderíamos deixar de homenagear Maria Helena, pela importância e respeito à história desta grande mulher.

Nesta sessão especial para entrega do Título de Cidadã Baiana, quando homenageamos Maria Helena, enfatizo que se trata de uma daquelas ocasiões em que o homenageado certamente jamais esquecerá.

Todos os presentes sabem que o título é outorgado àqueles que dedicam suas ações pelo progresso e desenvolvimento da comunidade onde vivem, mas que, por razões alheias a sua vontade, não nasceram naquele local.

A qualidade e o comprometimento da atuação da homenageada, que luta incessantemente pela defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico baiano, como é de conhecimento de todos que aqui estão e da maioria do público, ensinam a presente homenagem.

Maria Helena Ochi Flexor nasceu em dezembro de 1938, na cidade de São Paulo, sendo a primeira filha do casal Akiôshy Ochi e Magdalena Ochi, ele japonês e ela sérvia.

Nossa homenageada teve, também, três irmãos: in memória, Ana Luísa Ochi; José Alberto Ochi; Sérgio Ricardo Ochi.

Fez seu curso fundamental e pedagógico no Colégio Santana. Em 1961, graduou-se em História, pela Universidade de São Paulo, e, em 1965, muda-se para Salvador.

No dia 5 de maio do mesmo ano, foi aceita como professora na Faculdade de Arquitetura da UFBA, onde permaneceu por 24 anos, participando também do corpo de pesquisadores do Centro de Arquitetura da Bahia. Iniciava, então, a sua carreira nas universidades baianas.

Em 1980, com bolsa da Capes, torna-se doutora em História Social na Universidade de São Paulo. Em 1992, prestou concurso público para ingressar na Escola de Belas Artes, onde criou curso de mestrado em Artes. Ajudou, também, a criar à Galeria Cañizares e a Feira de Artes, ministrando sempre aulas de História da Arte, além de criar a disciplina de Metodologia de Pesquisa na Graduação, no mesmo período.

Em função das atividades ali exercidas, recebeu o título de professora emérita da Universidade Federal da Bahia, a qual se dedicou por 40 anos, em diversas funções, especialmente no ensino de graduação e pós-graduação de História da Arte, História Urbana e Documentação, nas Faculdades de Arquitetura, Filosofia e Ciências Humanas, bem como na Escola de Belas Artes, no período compreendido entre os anos de 1965 a 2005.

Muito embora tenha se aposentado em 1994, Maria Helena continuou a colaborar, com Bolsa de Permanência da Capes, por 4 anos, com os programas de pós-graduação na Faculdade de Arquitetura e Belas Artes da UFBA e depois, gratuitamente, até 2005. Não bastasse tamanha dedicação ao serviço público baiano, a homenageada foi assessora no cadastramento de bens culturais móveis e agregados da Bahia no período de 1994 a 2005.

Continuando sua trajetória de dedicação ao ensino, foi professora do curso de Design, da Unifacs, e de Arquitetura, na Unime, colaboradora dos cursos de História da UEBS, de Letras e Artes da UFS, e visitante da USP.

Maria Helena foi também integrante do corpo docente da Universidade Católica de Salvador, de 2004 a 2019, ministrando aulas nos cursos de Arquitetura e Urbanismo como professora de Estética, História da Arte e do Design; de Teoria, Documentação e Arquivo do curso de História, no qual ministrou Metodologia de Pesquisa e Paleografia.

Seguindo sua trajetória, foi professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, onde dava aulas de Metodologia e as disciplinas de Redes de Cidades e Salvador: Transformações Urbanas. Coordenou, ainda, o grupo de pesquisa Redes de Cidades na Bahia e no Brasil, desenvolvendo projetos com orientandos de mestrado e doutorado e com bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Nesse sentido, unindo atividades de graduação e pós-graduação, aprofundou estudos sobre *O Concílio de Trento e as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia - programa da arte sacra no Brasil* e, ainda, *Repovoamento e reurbanização do Brasil no século XVIII*, obras em vias de publicação.

Além disso, nossa homenageada divide, ainda, a liderança do grupo de pesquisa Salvador: Permanências e Transformações, com o professor doutor Pedro Vasconcelos, que segue a linha de pesquisa Territorialidade e Planejamento Urbano e Regional.

Extremamente atuante, como descrevemos, Maria Helena possui vasta experiência na área de Artes, Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História Urbana de Salvador, atuando com igual excelência nas áreas de História da Arte, Arte Baiana, História do Design, Patrimônio Cultural e Industrial, História Social da Bahia e Metodologia da Pesquisa.

É especialista em Paleografia, tendo publicado, para auxiliar os pesquisadores, quatro edições de *Abreviaturas de Documentos Manuscritos Portugueses*, patrocinadas pelo Arquivo do Estado de São Paulo, pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, e, ultimamente, a quarta edição pela Novas Edições Acadêmicas, publicadas em Berlim.

Em razão do seu brilhantismo, Maria Helena recebeu, em 2007, o prêmio Clarival do Prado Valladares, da Odebrecht, com a publicação *Igreja e Convento de São Francisco*, em parceria com Frei Hugo Frágoso.

Recebeu também, em 2009, o prêmio Sérgio Milliet com o livro *O Conjunto do Carmo de Cachoeira*, sob o patrocínio do IPHAN e do Programa Monumenta.

Foi, ainda, agraciada com o Prêmio Especial pelo conjunto de publicações do IPHAN-Brasília, da Associação Brasileira de Críticos de Arte, em cuja coleção estão

incluídas duas obras: *Mobiliário Baiano*, como obra de referência, e *Guia das Igrejas da Bahia*, em três volumes.

Possui várias publicações sob a forma de artigos, representou e continua representando a Bahia em eventos nacionais e internacionais.

Em 1997, atuou, como organizadora, no 3^o Congresso de História da Arte Luso-Brasileira, e de seis congressos de História da Bahia, patrocinados pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Organizou os três congressos do instituto, comemorando os 450 anos da cidade do Salvador, A Descoberta da Bahia de Todos os Santos e o congresso de tema Festa e Comida, em comemoração aos 120 anos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Atualmente, participa da organização do X Congresso do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, a realizar-se no próximo mês de outubro.

Em 2008, foi agraciada com o Título de Cidadã Soteropolitana, o que a fez ficar mais perto ainda da Bahia.

Diante dessa trajetória, resta-nos pouco a acrescentar.

Maria Helena, além de um currículo invejável, tem uma imensurável importância no nosso cenário histórico e artístico baiano, bem como na arquitetura e no urbanismo.

A homenageada se dedica ao estado da Bahia há mais de 50 anos, e, por meio de sua excepcional atuação, conciliada com a tarefa de ser mãe e avó, demonstra ainda mais a força de ser mulher.

Tem dois filhos, Carina Luísa Flexor e Cláudio Ochi e dois netos: Vitor Flexor Andrade e Igor Flexor Andrade. Todos nascidos na Bahia.

Dona de um currículo que demonstra o seu brilhantismo, Maria Helena é extremamente merecedora da honraria concedida por esta Casa Legislativa em nome de todos os cidadãos baianos. Desta forma, agradecemos o seu empenho em defesa e luta pela conservação do patrimônio histórico e artístico da Bahia.

Por fim, esta Casa aplaude e reverencia neste momento Maria Helena Ochi Flexor, entregando-lhe o Título do Cidadã Baiana que esta deputada e seus pares lhe outorgam com muito orgulho e carinho.

Parabéns, Maria Helena, pela sua trajetória.” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Justificando a quebra do protocolo, pela importância que Maria Helena tem e pela distinção desta Casa. Quem está sendo homenageada hoje não é só você, Maria Helena, é esta Casa que faz justiça a alguém que tem dedicado a sua vida à Bahia, à preservação da nossa história, à preservação da nossa arte.

Então, portanto, eu queria convidar para uma saudação breve seus ex-alunos. Primeiro, meu amigo, companheiro de trabalho em alguns momentos, o arquiteto Paulo Maciel. (Palmas)

O Sr. PAULO MACIEL: Bom dia a todos. Talvez não seja tão breve como Maria falou, mas na hora que estiver me alongando você pode dizer corta que a gente passa adiante.

Como é de praxe então (Lê): “Ex.^{mo} Sr. Presidente da Assembleia Legislativa Deputado Nelson Leal, não está presente, mas está representado pela própria Maria. Exmos. Srs. Componentes da Mesa, demais autoridades presentes ou representadas, Exma. Sr.^a Deputada Maria del Carmen Fidalgo Sanches Puga - Proponente desta Sessão Especial, Senhores e Senhoras, Meus Caros Colegas, bom dia a todos, em especial ao deputado Gorgonio Neto, que há muitos anos não vejo. Vi bem na década de 80.

Muito me honra fazer esta apresentação da Ilustre Doutora Maria Helena Matue Ochi Flexor, que a querida e competente Engenheira, nossa amiga, Deputada Maria del Carmen, em boa hora propôs e esta Casa e teve a sabedoria de acatar e adotar esta filha de São Paulo, como cidadã baiana.

Maria del Carmen, a Maria de Tomás, de Maricarmen, de André Luís, de Zé Carlos, de Maria Cláudia é simplesmente Maria, não é somente deputada. Pois nossa amizade teve início na década de 1980 quando éramos integrantes da equipe da Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social, Setrabes, sob o comando competente do nosso secretário Rafael de Sousa de Oliveira.

Maria comandava a engenharia da Setrabes. Antes disso, quando do incêndio deste prédio, em 1978, era governador o Dr. Antônio Carlos Magalhães que designou a ‘espanhola’ (era assim que ele a chamava) para comandar a recuperação desse imóvel, pois sabia da sua operosidade e competência. Muito boa engenheira!

Dentre muitos cargos e funções de sua vida pública, Maria foi administradora do Parque Histórico do Pelourinho, Secretária Municipal de Ação Social, Secretária de Infraestrutura e Saneamento, vereadora, presidente da Conder, deputada estadual em quatro mandatos, inclusive este.

Maria é a Maria da Bahia, a Maria de São Salvador. E aqueles que a conhecem como eu, dizem: Maria é de São Salvador e é por isso que eu voto com ela, que eu voto com ela e é com ela que eu vou.

Voltando à Maria da vez, a professora, doutora Maria Helena Flexor nascida em São Paulo, capital. Tem algumas coisas que vão ficar repetitivas, filha da sérvia Magdalena Ochi, que na época era Iugoslávia e depois separou, e do japonês Akiyoshi Ochi, que chegou aqui aos 14 anos em 30 de janeiro de 1931, desembarcando no Navio Bingo-Mare, em Santos.

Maria cursou o primário, ginásial, pedagógico no Colégio Santana, das Irmãs de São José. Graduou-se em História em 1961 e fez pós-graduação fazendo Doutorado sem precisar fazer Mestrado com a aprovação do orientador doutor, professor Eduardo de Oliveira França da Universidade de São Paulo. Especializou-se em História da Arte e História do Urbanismo.

Em dezembro de 1964, ela veio visitar a Bahia e se encantou com os *flamboyants* e as acácias e seu espírito muito sensível optou pela Bahia.

Então, em 1965 mudou-se de vez para cá e aqui chegando em 12 de fevereiro de 1965 com apenas 26 anos tornou-se nossa professora de História da Arte começando exatamente em 5 de maio de 1965, portanto, 55 anos de Bahia, quase isso.

Tímida, continua até hoje, fechada como é natural, pois àquela época pouco conhecia da Bahia e dos baianos. E nós mal sabíamos o que era Arte e muito menos História da Arte.

Assim, ensinava isso para alunos cascas grossas como eu e para a grande maioria de lá. Fazia provas mensais, o que era muito duro e no final do ano ainda tinha prova escrita e prova oral. Aí ninguém aguentava!

Éramos 64 e dos 64 somente André Sá passou na prova final sem fazer oral. E André ficava infernizando a jovem professora, porque nas aulas ele ficava lendo jornal e, no entanto, foi o único que passou. Os outros todos foram fazer prova final, e oral e alguns ficaram pelo caminho. Fazíamos muitas brincadeiras na sala de aula, destacando-se as diabruras que aprontávamos com a professora de Geometria Descritiva, a célebre Wilma, coitada, que sofria com Roberto Satanás, com Robertão, (o sonso) e com Vevé Escuridão. Desculpe, ele sempre foi Vevé Escuridão desde menininho e foi assim na Escola Técnica e aí não é pelo politicamente correto que a gente tem que tirar hoje o Vevé.

Os veteranos faziam muitos trotes conosco e passávamos a incorporar aquelas brincadeiras o que contribuiu para fomentar o relacionamento e o conhecimento entre todos. Um dos alunos, Braga, de Remanso, Antônio da Costa Braga, só conseguiu entrar na faculdade depois, no nono vestibular, porque naquela época só tinha um vestibular por ano, e a Faculdade Federal. Ele era o mais velho, e por isso era alvo de muitas brincadeiras. Uma delas, consistia na turma, quando o professor indicava um livro, todos nós, em uníssono, gritávamos: ‘Braga tem’, e aí é que tinha confusão, porque Braga, desculpe a palavra, se ‘retava’ e dizia: ‘quem tem é sua mãe’, aí era uma molequeira dentro da aula, né?

Com uma turma dessa, o melhor era não se incomodar e Maria Helena foi se aproximando da turma e nós, dela. Tanto que nesse ano fomos conhecer São Paulo, em viagem de ônibus, e o motivo era a VIII Bienal de Artes, no Ibirapuera, e Maria Helena foi a professora responsável para nos acompanhar, junto com o professor e artista plástico Jamison Pedra.

Que maravilha! Muito bate papo, muita brincadeira no ônibus, jogando dominó, jogando carteadado e a querida professora sempre amiga, sempre ali com a gente, participava de tudo. A turma mesmo só queria se divertir e passear em São Paulo, mas a nossa parceira, essa professora, nos obrigou a conhecer toda a Bienal. Professora, não é? Sala por sala, apreciando todas as exposições. Olhávamos e nada víamos, nem ouvíamos suas explicações e detalhes sobre as peças expostas. O que queríamos mesmo, era ir conhecer aquela cidade que era novidade para todos. Tudo bem, ela não fez nenhuma reclamação. Na volta às aulas, a nossa querida professora fez uma prova cujo o tema era descrever o que a gente tinha visto na VIII Bienal de São Paulo. Aí ninguém aguenta, meu irmão. Pelo amor de Deus, não é? Mas era dura assim mesmo e muito amiga.

A partir daquele ano, 1965, o governo militar criou os institutos, e desde então, perdeu-se a união dos colegas, o senso de companheirismo, sendo essa criação de institutos, um fator desagregador, porque em conversa de três, já era célula comunista para poder fazer problema. Mas a amizade prosperou e essa turma, a última turma escolar do curso superior, a dos graduados em Arquitetura de 1969, que neste ano comemoram 50 anos de graduação, manteve a sua unidade.

Nós fazemos muitas reuniões comemorativas, que começaram de 10 em 10 anos, depois de 5 em 5, e a partir dos 35 anos de formatura, nos encontramos quase todo mês, ora em jantar, ora em almoço e tudo é motivo para nos reunirmos, comemorar e ‘bebericar’.

Nossa Maria Helena comparece com frequência, sempre que os seus encargos a permitem.

A propósito, eu tenho que me referir a essa turma de 1969. Essa turma produziu uma plêiade de profissionais cujos serviços contribuíram para a mudança da face urbana de Salvador, e de seu entorno, além de criar novos vetores de expansão territorial. Podemos citar o planejamento de Cajazeiras, área com maior densidade populacional de Salvador. Diversos hotéis como o Fiesta e seu Convention Center. O Sol Bahia, o Katussaba, o Web Hotel, hospitais como o São Rafael, Hospital da Bahia, Day Hospital, Memorial Itagira e outros. Shoppings e centros comerciais como Shopping Paralela, o Iguatemi, o Norte Shopping da Bahia, o Shopping da Barra, Pituba Park Center, Tropical Center, Max Center, Vila da Barra, Shopping Passeo Itagira, Ponto Alto I e II, Shopping Baixa do Sapateiros e outros mais. Prédios residenciais e comerciais, Suarez Trade, Mundo Plaza e outros a partir daí cujas fachadas coloridas com motivos geométricos de grande plasticidade marcaram a cidade criando um novo estilo de projeto muito copiado numa visão marcante, na forma, na estética, no uso da cor e efeitos geométricos como expressão máxima dessa arquitetura predial.

Novas formas de projetos de condomínios horizontais chamados village que sugeriram outros modos de aproveitamento comercial dos terrenos urbanos. A inovadora Casa Cor, você veja quanta... essa turma de 1969 que agora faz 50 anos, o que produziu aqui na Bahia. A inovadora Casa Cor que congrega, há anos, arquitetos e decoradores dinamizando o setor, modernizando projetos arquitetônicos e de decoração de interiores com as inovações pertinentes.

Escunas surgiram na cena da Bahia de Todos os Santos a partir da readequação do design do saveiro a partir de 1970. A Estrela D`Alva, Leão dos Mares, Luar de Sumaré, Flor de Tinaré, várias escunas da LR Turismo etc... e foram tantas que os seus proprietários criaram o clube de saveiros na Ribeira. Também se projetou o Cineteatro de Alagados, cuja inauguração se deu, em função, logo depois da inauguração da Igreja dos Alagados, pelo Papa, que visitou aqui a Bahia.

Resorts e loteamentos como Costa de Sauipe, Reserva Imbassahy e uma série de coisas. Além disso tudo, nós temos a Bahia Marina, projeto tão importante para os esportes náuticos e o entretenimento da Bahia de Todos os Santos e que criou o novo cartão postal para a Salvador.”

Esses arquitetos têm diversos projetos aqui, no Brasil todo. Só um deles tinha 800 mil metros quadrados de shoppings produzidos por aí. Esse pessoal que fazia hospital tem hospital em Fortaleza, Sergipe, Recife e são craques nessas coisas. Nós temos aqui presentes, alguns dos maiores arquitetos que são: o meu amigo Airton, professor, o Sérgio Dórea, que fez o Pituba Parque Center, o Max Center etc. e o Fernando Peixoto. E eu gostaria de uma salva de palmas para esse pessoal, porque Fernando Peixoto,...

(Salva de palmas)

(...) para poucos que sabem disso, ele tem uma projeção internacional. Palestra na Itália, palestra na Espanha, palestra em Maputo, Moçambique, e por aí vai. Esse rapaz tem livros publicados e até na Coréia do Sul já teve falação dele aí. Ele está em todo o canto aí. Ele é reverenciado pela mídia especializada internacional como um dos maiores arquitetos do Brasil, esse rapaz que está ali. Ele mudou a face urbana de Salvador, os desenhos geométricos, as cores, mostrando a nossa influência africana, as cores que têm na África, porque você anda na África e são só cores e cores. E Fernando soube captar isso e jogar isso para a gente.

Então, vocês me desculpem a gente estar alongando, mas eu tinha que falar disso aí, dessas coisas.

“Tem também o estacionamento do Centro Histórico, cujo acesso se dá pela Baixa dos Sapateiros, projetos e cálculos estruturais de boa parte dos edifícios impactantes de Salvador levam a assinatura de nossos colegas. São professores, são consultores, projetistas em geral, avaliadores, estruturalistas, especialistas em patrimônio histórico, servidores públicos, enfim, uma geração de arquitetos que deixou a sua marca na cidade nesses 50 anos.

E em todos eles, ainda que de forma subliminar, os ensinamentos da Dr.^a Maria Helena no campo da história da arte ainda encontram eco. A sua interação com a nossa turma é tanta que ela permaneceu na Faculdade de Arquitetura no mesmo tempo da gente, de 1965 a 1969, ou seja, nos acompanhou até a formatura, quando foi transferida para a Escola de Belas Artes, com a reforma universitária processada naquele ano. Optou por ir para a Secretaria Extraordinária de Ciências e Tecnologia, que estava criando o Ceped e outros, mas por não se adaptar aos serviços burocráticos prestou o concurso para a Escola de Belas Artes, sendo admitida ali. Participou do CEAB da Escola que, na época, era uma categoria à parte, porque tinha professores do porte de Américo Simas Filho, Carlos Campos, Fernando Fonseca, Mário Mendonça, entre outros.

Para os estudos de História, Maria já falou disso, baseados nos documentos antigos, foi necessário dedicar-se ao estudo de paleografia, que resultou no Dicionário de Abreviaturas de Manuscritos e Documentos Luso-Brasileiros do século XVI a XX, estando atualmente em andamento a publicação revisada e aumentada da 5^a edição, para ajudar os iniciantes na leitura de documentos.

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, ela se aprimorou na Universidade de Toulouse, na França, porque na História da Arte ela tinha um professor

Ives Bruant, que fora o seu professor e foi lá também. Foi professora de História da Arte na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), que era então a maior escola de artes de São Paulo e, também, no curso de História da Católica, da PUC, de São Paulo. Na Unifacs ensinou Desenho e Arte. Aqui na Uesb, em Vitória da Conquista; na Unime; na Ucsal – e pula outras coisas aí para não ser repetitivo, porque Maria já falou.

De 1999 a 2005, ela trabalhou nesse cadastramento de bens e tal, bens móveis do IPHAN, sob a coordenação do arquiteto, que foi seu ex-aluno, Chico Santana, fez também parte da equipe da Fundação Gregório de Mattos, sob a presidência de outro ex-aluno dela, o Francisco Senna. E na Unime, onde ela deu aula, estava sob a coordenação de Maria Gleide Barreto, também sua ex-aluna. Sem falar daqueles todos da Escola de Belas Artes, porque aqui tem vários professores de Belas Artes.

Vinculada a um grupo de pesquisa da Universidade Portucalense, em Portugal, de 1997 a 2003, empregou seus conhecimentos, participando dos eventos das Comemorações dos 500 Anos dos Descobrimentos Portugueses - CNCDP, tanto no Brasil – quando organizou o IV Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, no Museu de Arte Sacra da UFBA, participando de vários congressos de História em Coimbra, Porto e Lisboa – como em Portugal, na mesma ocasião.

Organizadora de três congressos de História da Bahia. É também membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB).”

Está terminando, tenham um pouquinho de calma.

(Lê) “Premiada muitas vezes pelo seu vasto conhecimento...” – aí, eu tenho que repetir, tenho que repetir porque ela merece – “(...) destacamos, em 2007, o Prêmio Clarival do Prado Valadares, patrocínio do Grupo Odebrecht, que resultou na publicação do livro *Igreja e Convento de São Francisco*, lançado em 2009, e que foi destacado com o Prêmio Jabuti em 2010 na Categoria Projeto Gráfico, desenvolvido por sua filha.”

Dr.^a Carina, doutora em Comunicação Visual.

(Lê) “Em 2008, recebeu o Prêmio Sérgio Milliet, da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), ela e suas parceiras, por seu trabalho sobre o Conjunto do Carmo de Cachoeira, publicado pelo IPHAN/Monumenta/UNESCO, e no ano seguinte, prêmio especial da mesma entidade, integrando o conjunto das obras publicadas pelo IPHAN/Brasília, participando com a citada obra do Conjunto do Carmo, o livro de referência *Mobiliário baiano* e o guia *Igrejas e Conventos da Bahia*, em três volumes.

Em 2017, foi homenageada com o Diploma de Honra ao Mérito pelo Conjunto da Obra Científica no Campo da História da Arte Brasileira e Baiana, diploma esse atribuído pelo Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA).

Desde 2008 é cidadã soteropolitana, homenagem proposta pelo vereador Everaldo Augusto e concedida pela Câmara Municipal de Salvador, em reconhecimento aos inúmeros serviços como professora e dedicação à História da Arte e História Urbana da Bahia, elevando o nome da cidade do Salvador em inúmeros eventos e publicações nacionais e internacionais.

Além de toda essa ocupação, é mãe de dois filhos baianos: Carina Luisa Ochi Flexor, doutora em Cultura Visual e professora do Departamento de Comunicação da

Universidade Federal de Sergipe...” – está ela ali – “(...) e Cláudio Marco Ochi Flexor, com graduação em Turismo. Sua intensa ocupação, os variados estudos e trabalhos são recompensados no carinho dos netos Vitor e Igor, filhos de Carina, aos quais se entrega e se completa, voltando aos tempos de criança quando se assume como avó.

Maria Helena, essa estimada amiga que um dia foi nossa professora, cidadã paulista, soteropolitana é agora também cidadã baiana, fato que engrandece a todos nós, por seu exemplo de vida, de mãe, de professora, doutora em História Social e mestre em variados assuntos. Por toda sua existência tem sido qual uma abelha a fecundar mentes, polinizando, por 55 anos, com seus múltiplos saberes a milhares de jovens, contribuindo para o aperfeiçoamento e o desenvolvimento pessoal como cidadãos e, sobretudo, honrando a Bahia, que a tem como filha a partir de agora, para o nosso gáudio.

Por isso tudo, eu peço uma salva de palmas para ela.”

E muito obrigado pela paciência. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Não foi tão breve assim, mas fez justiça.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): E agora quero convidar Frederico Régis, também designer, também ex-aluno da Prof.^a Maria Helena. Aqui tem mais, deve ter vários ex-alunos, mas eu quero distinguir também o advogado Joel, que é assessor do nosso gabinete e que coordenou toda essa homenagem pelo nosso gabinete.

Com a palavra Frederico.

O Sr. FREDERICO RÉGIS: Deputadas, senhoras e senhores, eu serei extremamente breve.

(Lê) “Maria Helena Matue Ochi Flexor... para nós, da ‘Diretoria’, apenas MH. Ou MH Flexor para os demais mortais da faculdade. Sim, fomos nós, alunos do Curso de Design da Unifacs, os responsáveis por essa alcunha.

No nosso 2º ano de faculdade, quando ela começou a lecionar para nossa turma, fomos alertados: ‘ela é fera e exigente, se preparem’.

E, sim, ela foi, sim, uma fera no conhecimento e exigente com seus alunos. E que bom que foi assim. Dizem que o professor ensina, mas o mestre, ahhh, o mestre... ele lhe puxa as tripas para ver até onde você vai, fazendo-lhe crescer. Ele lhe inspira...

Não por acaso escolhi MH para ser minha orientadora no Projeto de Conclusão de Curso. ‘Fred, você é maluco? Ela é muito exigente!...’, diziam... Tinha até uma comunidade no Orkut chamada: ‘Eu sobrevivi à família Flexor’ (risos), já que, Carina, ali ao lado, também foi nossa professora, dose dupla.

Mas eu queria, sim, ser bem orientado e cobrado. Queria fazer um bom trabalho.

E quem teve trabalho foi MH. Meu projeto não era fácil. Tratava-se do Ecodesign, um assunto pouco explorado na época e com quase nenhuma bibliografia a

respeito. Era um risco para mim, aluno, e para ela, orientadora. Mas ela colocou a faca nos dentes e disse: ‘Vamos juntos!’ E isso foi ainda no 3º ano, informalmente... e desde então ela me orientou, mesmo nas férias, entre o 3º e o 4º anos.

Esse trabalho, pela sua complexidade, nós sabíamos, na hora da banca ou era zero ou era dez.

Foi dez. E esse dez foi nosso.

Muito obrigado, MH.”

E obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Neste momento convido sua filha Carina, seus netos Vitor e Hugo, e seu genro Gorgônio para, juntamente conosco, fazerem a entrega do Título de Cidadã Baiana à Prof.^a Maria Helena Matue Ochi Flexor, título que lhe concede a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia confere à professora Maria Helena Matue Ochi Flexor o Título de Cidadã Baiana, Resolução nº 1.824/2018, projeto de autoria da deputada Maria del Carmen. Salvador, 14 de junho de 2019. Deputado Nelson Leal, presidente; deputada Maria del Carmen, 1ª secretária; deputado Tom Araujo, 2º secretário. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Tenho a satisfação, agora, de passar a palavra à filha da homenageada, professora Carina Flexor, que falará em nome da sua mãe. (Palmas)

A Sr.^a MARIA HELENA OCHI FLEXOR: Bom dia, gente.

Muito obrigada pela presença de vocês e pelo sacrifício que vocês enfrentaram nos engarrafamentos.

Eu não podia deixar de dar uma palavra ao ver tantos amigos que compareceram a esta cerimônia, que está me honrando enormemente, que é, digamos assim, o coroamento da minha vida aqui, na Bahia. Tenho filhos baianos, netos baianos, genros baianos, só eu que estava de fora. Então, agora sou baiana por opção e de coração.

Eu queria fazer homenagem à Mesa e mostrar por que eu preferi que minha filha falasse. Eu falo mole, então, se fosse fazer discurso vocês iriam acabar dormindo. Então, só quero explicar porque eu escolhi essa Mesa: já viram Paulo Maciel, Buriu – falou meu apelido, eu falo o seu também –, porque foram alunos de turmas que marcaram muito minha vida, muito!

Vocês imaginam quantos alunos eu devo ter tido, não faço contas, em 55 anos de ensino, e em várias instituições. Mas essa primeira turma de Arquitetura, realmente, foi qualquer coisa de se enfrentar. E eu tinha só 26 anos, e era época da minissaia e eu, ousadamente, dava aula de minissaia. Então, vocês imaginam.

Então, Paulo representa toda essa turma que continua no meu coração, e como ele disse, cada vez que eles se reúnem eles me convidam. Eu estou, quando possível, presente. Já fiz minha reserva na pousada para comemorar os 50 anos; a gente comemorou os 45 lá também.

E Fred porque também foi de outra turma que marcou muito na Unifacs, no Curso de Design. A tal da “Diretoria”, me deram um aviso quando eu entrei: “Olha, nessa turma tem um grupo que forma uma diretoria. Se você cair na desgraça dessa diretoria você desista!” Pelo contrário, eu achei amigos e alunos que – realmente, eu sempre fui muito rigorosa – se transformaram em profissionais. Como Paulo descreveu, também essa turma de Design tem figuras de destaque.

Convidei a querida professora Liliana Mercury para fazer parte da Mesa porque durante o período em que eu fiquei na Católica passei por um problema de saúde bastante sério. Infelizmente, nós não conseguimos trazer a professora Juju, ou Julieta Mandarino. As duas me deram apoio total durante esse período, principalmente não me fizeram entrar na fila do INSS para pedir afastamento, me conservaram na ativa. Eu também não quis me afastar, mas o trabalho foi mais ameno. Então, vou ser eternamente grata às duas por me terem possibilitado continuar ativa e, mesmo fazendo tratamento, me mantendo viva.

E é por isso que é uma amiga querida. A gente vez por outra faz desenferrujar a língua e nos encontramos. E meu querido Gorgônio José de Araújo, eu tenho que lhe agradecer mais ainda, porque ele é o cabeça da família, à qual a minha filha se agregou há pouco tempo. E eu agradei no dia do casamento, e torno a agradecer o fato dele nos aceitar na sua família, e com tanto carinho assim.

Passo a palavra para minha filha. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Com a palavra a Sr.^a Carina Flexor.

A Sr.^a CARINA FLEXOR: Bom dia a todos.

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Nelson Leal; Ex.^{ma} Sr.^a Deputada Maria del Carmen Fidalgo Sanchez Puga; demais componentes da Mesa; bom dia a todos, ex-alunos, amigos, familiares.

Bom, eu acabo de descobrir. Ali, quietinha, ela me disse que estava nervosa e por isso me pediu que lesse o discurso dela. Safada!

Bom, como foi um texto que ela escreveu, eu vou pedir a liberdade de ler em primeira pessoa, porque eu acho que carrega mais emoção. Vamos lá.

(Lê) “Não é fácil discursar numa ocasião como esta. Gostaria de agradecer à Deputada Maria del Carmen e a todos os responsáveis na Assembleia Legislativa da Bahia pela concessão do Título de Cidadã Baiana. Esse título vem coroar toda uma vida dedicada ao ensino/pesquisa/extensão em várias universidades baianas, justamente quando acabo de completar 80 anos, dos quais 55 anos dedicados ao ensino de História da Arte, História Urbana, com publicações nessas áreas, versando sobre a

Bahia. Isso, digo, até aqui, pois enquanto tiver vida, aposentada da UFBA e, agora, pelo INSS, pretendo continuar tranquilamente minhas pesquisas.”

Acho que no dia que morrer, a gente vai dizer: “Oh, para, acabou, agora acabou. Porque não para de trabalhar”.

(Lê) “Mas gostaria de falar sobre coisas mais simples, mais cotidianas.”

Essa escrita dela! Na verdade, ela pretende homenagear todas as pessoas, ou parte das pessoas, que foram importantes na sua trajetória.

(Lê) “Assim, peço licença para me referir a fatos e a pessoas que a gente não coloca nos currículos e que, normalmente, passam despercebidos para os que estão ao nosso redor. Gostaria de recordá-los porque alguns deles são inesquecíveis e, por isso mesmo, vou falar desses personagens como uma forma de homenageá-los também.

Claro que no início da meada estão meus pais e meus três irmãos, hoje, todos falecidos. Meus pais, ambos imigrantes – sou uma descendente de primeira geração –, poderiam se considerar orgulhosos não só por ter a filha mais velha, que chegou à condição de premiada com o título de Emérita da UFBA, Cidadã Soteropolitana (e, agora, Cidadã Baiana), mas por terem dois filhos doutores, professores universitários, e netas doutoras e mestre.

A jornada dessa filha, neta, bisneta, sobrinha, irmã mais velha não foi muito simples, mesmo porque meu pai, um rapaz japonês de 22 anos, e minha mãe, uma iugoslava que se dizia croata, mas, na verdade, era sérvia, de 15 anos, tentaram casar-se nos inícios da 2^a Guerra Mundial. Não só esse fato foi um grande empecilho, especialmente por causa da presença do Japão no conflito, mas, sobretudo, devido ao preconceito racial, que fez a família da parte materna expulsar o jovem casal do convívio dos demais. E nem contavam com a família paterna (que, certamente, também seria contra a união), pois essa fora deixada no Japão, e permaneceu sem ter notícias até mais de 40 anos depois.

Assim, eu nascia quando minha mãe acabava de completar 16 anos e meu pai, 23; ela arrumadeira e ele motorista particular de uma família paulistana. Depois de mim viriam mais quatro filhos, um falecido ainda bebê.

Casaram-se após meu nascimento, pois um missionário franciscano insistiu em uni-los na Igreja Católica, porém, meu pai era shintoísta e se negava a converter-se. Foi necessária a licença do Papa Pio II para que se casassem nessa condição.

Acho que esses imigrantes foram vencedores porque se esforçaram para dar aos quatro filhos instrução suficiente para que cada um seguisse seu rumo na vida. E tiveram muita visão e abertura, já que minha mãe não passou do 2^o ano do antigo Curso Primário e meu pai nunca frequentou escola no Brasil, embora lesse e escrevesse bem português. Sempre se vangloriou de ter aprendido a nova língua, às escondidas, em pequenos retalhos de jornais que achava na rua. E o vício de ler jornal por inteiro não o deixou até o fim de sua vida, em 1999.

Não vou historiar todas as dificuldades passadas. A luta foi intensa, de muito trabalho e com ocupações simples (lavrador, mecânico, chofer de táxi, comerciante, jardineiro) o velho Akyoshi Ochi (ou Antônio, como meu pai passou a ser chamado no

Brasil) conseguiu educar os filhos. Talvez em decorrência da própria tradição educacional japonesa, ele sempre dizia que a única herança que nos deixava seria educação e instrução.

Nesse sentido, nunca houve, como manda a moderna psicologia, discussão sobre as preferências pessoais. Fui obrigada a estudar, por 12 anos, num colégio de freiras. E embora sempre tivesse tido tendência artística, muitas surras fizeram inibir a veia criativa. Na visão paterna, completar o Curso Pedagógico, ou Normal como se dizia, bastava.

Com vontade de continuar os estudos, tive consentimento para fazer a universidade, contanto que trabalhasse para custear meus gastos. Para mim, trabalhar não era novo, visto que desde os 9 anos de idade já o fazia, bordando *lingeries*, então muito usadas, para uma bordadeira do bairro, Idacy dos Santos. Não eram correntes as mesadas, ainda mais numa casa então de economia remediada.

Mas para fazer a universidade também não tive a oportunidade de optar. Artista plástica, evidentemente, não era uma carreira vista com bons olhos. Prevaleram as opiniões dos amigos, especialmente de um professor de História e Geografia, Ariosto Giaquinto. Com o aval do amigo, tive ‘permissão’ de meu pai para prestar vestibular para História, já que justamente nesse período separava-se esta da Geografia.

Aprovada, mas contrariada, fui cursando, como aluna muito mediana, o curso de História que, então, fazia parte da Faculdade de Filosofia, Ciências e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E tive o privilégio de frequentá-lo na famosa Rua Maria Antônia (na contramão depois do movimento de 1964).

Ali tive um de meus empregos, aliás, dos mais agradáveis, já que convivia diariamente com toda a vida universitária. Fui secretária do então Grêmio da Faculdade de Filosofia, que era extremamente ativo. Pude assistir a toda movimentação universitária, assembleias, passeatas, greves, participar de times de voleibol, tênis de mesa, promover reuniões sociais, excursões e contatar pessoas de todas as áreas das ciências e humanidades.

Esse contato, e mais os professores excepcionais que tive, fizeram-me, cada vez mais, tomar gosto pela História. Fui aluna de mestres como Emília Viotti da Costa, Egon Shaden, Myrian Ellis, Sérgio Buarque de Holanda, Astrogildo Filho, Nícia Vilela, Sônia Siqueira, Thereza Petrone, Eurípedes Simões de Paula e, como professor de História da Arte e Paleografia, Yves Bruand, entre outros, mas o meu grande mestre foi Eduardo d’Oliveira França. Fui deixando de ficar contrariada pois o professor França, meu orientador na pós-graduação, me ensinou a pensar a História, e com isso ela foi me envolvendo.

Foi como aluna que comecei a ter interesse pela pesquisa. Não foi nem voluntariamente, nem sem interesse. Alguns desses professores, especialmente Sérgio Buarque de Holanda, aumentavam as notas dos alunos que fossem aos arquivos levantar dados para suas publicações. Desde então comecei a desvendar a Coleção Lamago, então sob a guarda da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, hoje no Instituto de Estudos Brasileiros e, quando o trabalho permitia, no Arquivo do Estado de São Paulo.

Mas a arte estaria sempre no meu caminho. Foi no Grêmio que conheci duas pessoas que me fariam unir o curso que frequentava, História, com a arte. De um lado, foi ali que conheci Jean Marie Flexor...” – meu pai – “(...) então estudante de Física e com quem me casaria (aliás, muitas historiadoras casaram com físicos na época), cujo pai, Samson Flexor, era artista, pintor que gozava de certa fama em São Paulo. Tive, então, oportunidade de frequentar o atelier Abstração 2, pelo qual passaram artistas brasileiros de prestígio, e de participar de alguns salões e exposições coletivos. Já contava, então, com certa benevolência paterna.

O outro personagem importante foi o Sr. Osvaldo, cujo sobrenome não lembro – nem sei se um dia o soube –, que explorava a cantina do Grêmio, onde todos se alimentavam antes de ir para as aulas. Procurado por um aluno da Escola de Administração para indicar alguém para participar da organização administrativa da FAAP - Fundação Armando Alvares Penteado, então tradicional escola de arte de São Paulo, o Sr. Osvaldo recomendou meu nome. Brincando, dizia que era uma oportunidade de eu ter um trabalho melhor, ganhar mais e deixar de comer todo seu açúcar. É que, muitas vezes, a única refeição que conseguia pagar era um iogurte, cujo poder nutritivo reforçava com o açucareiro do Sr. Osvaldo.

Em princípio não me apeteceu essa nova perspectiva, mesmo porque morava na zona Norte de São Paulo, a FAAP ficava, e fica, no Pacaembu, e nesse ano se trasladavam alguns cursos, incluindo a História, para a Cidade Universitária na zona Oeste. Isso equivalia a sair de casa às 6h da manhã e retornar a 1h30 ou 2h da madrugada.

Por insistência, muita insistência, no entanto, do jovem estudante de Administração Nelson Motarda, (que mais tarde foi o 1º secretário da Integração Nacional), acabei indo trabalhar naquela fundação. No transcorrer de cerca de 4 anos, ali fui galgando diversos postos e ocupei funções desde datilografa, almoxarife, auxiliar de secretaria, secretária-geral até professora. Ali, definitivamente consegui unir a história com a arte, graças à convivência com grandes mestres, alguns dos quais me deram as melhores oportunidades, como Flávio Motta e João Rossi. Ambos me transformaram em professora de História da Arte e coordenadora de cursos livres de Pintura.

Tendo que trabalhar 8 horas por dia, longe de casa e do centro da cidade, pude aproveitar algumas horas de folga, como do almoço, para participar de todos os ateliers da escola e desfrutar da amizade de Marcelo Grassmann, Mário Gruber, Regina Katz, Benedito Lima de Toledo, Luiz Kupfer, Sérgio Ferro, Nelson Nóbrega, entre outros. Foram anos duríssimos, mas fundamentais nos rumos da carreira que seguiria. Ainda trabalhando na FAAP tive oportunidade de substituir um colega de turma, que ia para a Europa continuar seus estudos, Victor Deodato, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Terminado o curso de História, pude, ainda, fazer 3 anos do curso de Letras, no qual me marcou bastante a figura de professor Antônio Cândido. A essa altura já estava casada e morava em região mais próxima ao centro da cidade. Não terminei o curso e

não ficaria muito tempo na PUC. E foi com este magro curriculum que vim para a Bahia.

Em dezembro de 1964 aparecia em São Paulo um engenheiro-físico baiano, José Walter Bautista Vidal, que fora encarregado de criar o Instituto de Física que, junto com o de Matemática, se desmembrava da Faculdade de Filosofia da UFBA. Para seduzir jovens físicos recém-formados, nos ofereceu uma visita à Bahia. E isso se deu no mês de dezembro, antes do Natal, quando a Bahia está mais iluminada. E lembro-me bem que o que mais me fascinou foi a vista da cidade que se tem dos lados do Bomfim, na época cheia de flamboyants e acácias floridas. Foi, sem bajulações, amor à primeira vista.

A decisão foi tomada rapidamente. Assim, no dia 12 de fevereiro seguinte cá estávamos eu, o então marido e mais outros casais e rapazes solteiros. Não lembro exatamente quantos, mas vieram vários. Outros chegariam depois. De todos, ficamos somente o professor Antônio Expedito Azevedo, professor aposentado de Física, e eu. Ele ainda retomou uns tempos para Campos, sua terra natal, mas voltou definitivamente para a Bahia. Acho que, de todos que vieram, eu fui a única que deliberadamente fiquei por aqui.

Diga-se de passagem, o emprego prometido era para os físicos, e eu, como historiadora da arte, vim, como se diz, com a cara, a coragem... e desempregada. Como tal, morando num apartamento sem um único móvel, até que as tralhas chegassem de São Paulo, numa Pituba ainda deserta, comecei a ajudar no Instituto de Física, no andar térreo do nº 7 da Rua Marechal Floriano, no Canela, onde temporariamente foi instalado. Logo estaria fazendo os serviços de secretária e mesmo de office-boy, ou girl, mas era um trabalho não remunerado e que não era permitido.

Foi o mesmo Bautista Vidal quem, com boa vontade, pois desde 1952 não havia concursos, me recomendou ao professor Hernani Sobral, então vice-diretor na Faculdade de Arquitetura e vice-reitor em exercício. Apresentei meu magro curriculum ao Departamento V daquela Faculdade e fui admitida como professora contratada, a partir do dia 5 de maio de 1965.

Recebia menos que o pessoal da limpeza, mas passei a compor a família daquele departamento e além de dar aulas de História da Arte, que praticamente o destino colocara em minhas mãos, logo fui admitida num grupo de pesquisadores coordenados pelo professor Américo Furtado de Simas Filho, que tratávamos carinhosamente por Memeco. E acabei ficando nesse grupo – que formava o Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia (CEAB), de onde vem meu gosto pela pesquisa em história urbana que até hoje desenvolvo. Foi o então reitor Roberto Santos quem aprovou minhas atividades de pesquisa no CEAB, assinando um ‘aumento’ de 100% no meu pagamento.

Não foram anos fáceis, pois era um período em que predominavam os professores e alunos homens, e eu era uma das três únicas mulheres no corpo docente, ao lado de Wilma Campos e Jacyra Oswald. Esta última logo reduziria esse número para duas, transferindo-se para a Escola de Belas Artes. Daí veio a fama, que até hoje

tenho, de ser extremamente rigorosa. Não sou tanto assim, só um pouco, visto sou muito exigente comigo mesma.

Não foi fácil sobreviver na Bahia nesse início, visto que não havia isonomia salarial, nem regularidade no pagamento. Cito a primeira experiência que tivemos em 1965, a título de exemplo. Recebemos, eu e os recém-chegados, apenas duas vezes no ano. E nesse momento nos valeram os espanhóis do antigo Armazém Popular que acreditaram em nossa honestidade e literalmente nos sustentaram durante esses anos, e mesmo nos seguintes, à custa das tradicionais cadernetas. Obrigada, especialmente, ao Sr. Manolo, cujo sobrenome a memória também me priva.

Foram anos duros não só devido à parte financeira, mas também quanto à adaptação à profissão e ao cotidiano da cidade. E foi nesse momento que apareceram os primeiros amigos baianos, que serviram de verdadeiros esteios para que, cada vez mais, eu gostasse da Bahia e de suas coisas. Foram eles os componentes da família Rosa Rocha – Maria Augusta, Elísia e Pedrinho –, Mário Mendonça de Oliveira, Zélia Maria Póvoas e Jamison Pedra, entre outros. O tempo e as diferentes ocupações nos separaram, mas na minha lembrança eles estão sempre presentes.

Encantada com a Bahia, e com suas obras de arte como todo visitante ou recém-chegado, tentei estudar alguns dos mais famosos monumentos, mas, nesse período, pode-se dizer, existiam os ‘donos’ de certos assuntos de pesquisa como igrejas, fortificações, pintura, escultura etc. Não adiantou, apesar das inúmeras insistências, tentar penetrar especialmente nas instituições religiosas, para fazer pesquisa. O professor Affonso Ruy, então diretor do Arquivo Histórico Municipal, não só me deu todas as chances de pesquisar nessa instituição, como me ‘transformaria’ – entre aspas – numa paleógrafa.

Ali me sentia como se fosse do próprio corpo de funcionários, pois, com o tempo passei a ter uma mesa e uma máquina de datilografia à minha disposição. Podia consultar livremente os documentos. Em troca, a partir de 1966 e em cursos sucessivos, passei a treinar os funcionários daquele arquivo e depois interessados externos na leitura de documentos históricos. E não parei até agora. Tudo por culpa do professor Affonso Ruy. Já dei cursos em Goiânia, Brasília, Curitiba, São Paulo, Aracaju, Recife, Belém do Pará, Belo Horizonte, Mariana. E agora ministro cursos não somente para historiadores ou funcionários de arquivos, mas também para os filólogos.

Foi esse mesmo Arquivo Histórico Municipal que publicou, em 1974, meu primeiro livro, e isso devo a outra direção, a Dr.^a Ellyete Magalhães, que teve a visão de publicar meu trabalho sobre os ofícios mecânicos que, 20 anos depois, se tornaria referência na historiografia nacional.

Mas, voltando à universidade, embora não me desligasse do CEAB até 1987, por força da reforma universitária de 1969, fui transferida da Faculdade de Arquitetura para a Escola de Belas Artes, que, então, saía da Rua 28 de Setembro, com ligeira estadia no Museu de Arte Sacra, para instalar-se onde está aqui no Canela.

Não assumi definitivamente minhas funções na EBA, porque o mesmo engenheiro-físico José Walter Bautista Vidal, chamado no governo Luiz Vianna Filho para criar a Secretaria Extraordinária de Ciência e Tecnologia, me convidou para

ocupar uma assessoria, muito embora não fosse, em absoluto, a minha área. Para ocupar esse cargo tive que pedir demissão da universidade porque, rigorosamente, então não se podia acumular dois empregos públicos. Claro está que a melhoria de remuneração prevaleceu na escolha.

Ocupando a assessoria por 2 anos pude montar uma biblioteca, lidar com o pessoal que então se iniciava na tecnologia de alimentos e computação, cooperar para a criação do Ceped, que foi fechado, e montar a própria secretaria, a partir de salas e máquinas e até papel emprestados da Fundação de Amparo à Pesquisa, logo extinta e suas funções incorporadas à secretaria. Com o início do governo seguinte, essa secretaria – então considerada desnecessária numa Bahia tida como muito atrasada para ter uma repartição tão avançada – foi anexada ao Planejamento, que era uma autarquia conhecida por CPE.

Não deixei, no entanto, de lecionar História da Arte nesse período, pois fui responsável, entre 1969 e 1974, pela disciplina no curso de História da Universidade Católica do Salvador. Me demiti dessa universidade nesta última data quando fui admitida no regime de dedicação exclusiva na UFBA.

Nesse mesmo período, outro físico, Humberto Tanure – que junto com Maria Angélica Mattos e o reitor Macedo Costa implantavam o vestibular unificado –, me convidou a participar dos trabalhos. Junto com a professora Ceres Pisani – a amicíssima que está ali –, revezando-nos na coordenação e vice-coordenação de colégios, participamos, por vários anos, na aplicação do vestibular da UFBA, mesmo ainda trabalhando na Secretaria de Ciência e Tecnologia.

Descobri, então, que não tinha a menor vocação para o serviço burocrático público estadual e, aproveitando a realização de concurso público que abria vagas para a Escola de Belas Artes e para História da Arte, resolvi retomar ao antigo ninho da Universidade Federal.

Os que participaram desse de 1970 e do concurso de 1973 sabem que foi um concurso extremamente rigoroso, incluindo a apresentação de tese original, que teve que ser feita em 6 meses. Passava-se por defesa escrita e pública da tese, análise de curriculum, prova escrita e prova didática. Lembro-me de meu querido amigo Pasqualino Magnavita que, junto com os professores Ivo Vellame e Riolan Coutinho formavam a banca examinadora, ‘cruelmente’ – entre aspas –, me atribuiu o conceito 9,5 por ter ultrapassado o horário da aula em 7 minutos, enquanto todos os outros conceitos foram 10,0.

Já como componente do corpo docente da EBA, não posso deixar de citar a professora Mercedes Kruschewsky, então diretora da unidade, que permitiu minha atuação junto a sua administração, quer na criação da Galeria Cañizares ou da Feira de Arte ou na realização de inúmeros cursos de extensão, especialmente em colaboração com o ICBA.

Não foi só no governo estadual que não quis assumir serviços burocráticos. Definitivamente essa não era, e nunca foi, a minha vocação. Assim, a minha contribuição para a UFBA foi a mesma que fazem as abelhas ou as formigas operárias: pequenos trabalhos, carregando tijolinhos para ajudar a construir e sustentar

intelectualmente a comunidade. Ocupei apenas por duas vezes a chefia de departamento e com diferença de 20 anos, uma vez nos inícios e outra nos fins dos meus 24 anos de Escola de Belas Artes. Minha meta sempre foi a formação dos alunos e, por isso mesmo, nos meus 29 anos de UFBA (menos 4 anos de doutoramento), como professora ativa, até minha aposentadoria em 1994, preferi orientar alunos, quer em nível de iniciação científica ou de pós-graduação, criar disciplinas, núcleos de estudos ou curso de pós-graduação, cursos de extensão ou, simplesmente, dar aulas.

Cortando essas atividades, em 1976, decidi fazer meu doutoramento. Várias foram as pessoas que possibilitaram a minha ida para a USP e de participar do primeiro grupo do Programa do PICD, mas foi especialmente a professora Iracy Picanço quem teve uma imensa paciência, durante os 4 anos, para aguentar minhas cartas, meus pedidos telefônicos no sentido da manutenção da bolsa da Capes, que devia ser renovada a cada ano.

Já em São Paulo, reencontrei o professor Eduardo d'Oliveira França, então como meu orientador de pós-graduação que, além de tudo, permitiu, claro, depois de exigir que eu tivesse A em todos os créditos nas disciplinas cursadas, saltar do mestrado para o doutorado. E sua orientação foi essencial em meus trabalhos ulteriores, como também o foi o contato que tive nos cursos que fiz, especialmente com a professora Maria de Lourdes Janotti e com o historiador das mentalidades Jean Delumeau.

Frequentando o Arquivo do Estado de São Paulo para procurar subsídios documentais para minha tese, reencontrei um antigo colega de turma, José Sebastião Witter, então diretor daquele arquivo, que disponibilizou todos os meios para a publicação de um trabalho meu sobre *Abreviaturas de manuscritos dos séculos XVI ao XIX*, indo agora para a 5ª edição, e que me fez conhecida, mais do que a História da Arte ou História Urbana, por todo o Brasil.

Em 1980, retomando às minhas atividades na Escola de Belas Artes, especialmente no Departamento I, encontrei, ou reencontrei, algumas pessoas que não poderia deixar de citar. Com a reforma universitária, já citada, de 1969, várias professoras de História da Arte foram remanejadas para essa escola, e formamos, ao contrário de muitas outras universidades, nacionais ou estrangeiras, como tenho constatado, um grupo coeso de sete docentes mulheres (número significativo).

As Meninas, como carinhosamente nos autodenominávamos (muito antes do grupo de axé-music) e que ainda, apesar dos anos, nos tratamos, ou Comadres, ou, ainda, como Máfia, como fomos chamadas por muitos, formamos um núcleo de estudos, fizemos pesquisas e cursos em conjunto, participamos de eventos, de reformas de currículo, de cursos, de projeto implantação de pós-graduação, enfim, trabalhamos intensamente nas atividades da escola e da universidade. Assim, fazem parte do grupo das Meninas, por ordem de 'antiguidade': Ceres Pisani Coelho, Vania Bezerra de Carvalho, Sofia Olzewski, Maria Vidal de Negreiros Camargo, Célia Gomes e Malie Matsuda. Infelizmente perdemos Sofia, desde 1995..." – todas as outras estão aí presentes – "(...) Embora um pouco desarticuladas atualmente, por força, também, das aposentadorias de quase todas, o espírito do grupo continua. E foi esse mesmo espírito,

acredito, que moveu a professora Maria Vidal a propor a concessão do título de professora emérita da UFBA à minha pessoa.

Poder-se-ia dizer que foi coisa de comadre, já que, de todas, esta é a professora que conheço há mais tempo, não fosse a aprovação em todas as instâncias da Escola de Belas Artes e a unanimidade do Conselho Universitário. Quero lembrar também que foi o espírito desse grupo que levou Sofia a convencer-me a participar da diretoria da APUB por dois mandatos, nos anos 1990.

Me aposentei em 1994. Durante os 29 anos que permaneci na UFBA, não foi aberto concurso para titular em História da Arte. Assim, aposentei-me como adjunto IV. Mas, antes dos títulos, o que interessa, a meu ver, são as sementes que semeei e os frutos que já colhi ou estou colhendo. Vez por outra encontro-me com ex-alunos que têm papel de destaque em diversos campos de atividades na Bahia, ou fora dela, como administradores no serviço público local, como parlamentares federais, estaduais ou municipais, como professores em Salvador ou nos diversos *campi* do estado, em universidades particulares ou escolas de segundo grau, como artistas ou arquitetos destacados.

Aposentada, aos 80 anos, acredito ter cumprido com a minha obrigação na sociedade, embora sendo uma contribuição pequena e diuturna. Tive o maior orgulho de trabalhar, ou de ter trabalhado, sob a chefia de meus antigos alunos. Cito alguns: Chico Senna, de quem fui assessora técnica na Fundação Gregório de Mattos; Chico Santana, com quem comecei dando assessoria no Cadastramento dos Bens Móveis e Integrados, desde 1994 a 1995, num programa do IPHAN e da Fundação Vitae; Esterzilda Berenstein Azevedo, coordenadora da pós-graduação de Arquitetura; Antônio Guerreiro; Ubiratan Castro, ou Bira Gordo, como é conhecido; João José Reis, no Programa de Pós-Graduação em História; Fátima Hanaque Campos, na Casa do Sertão e Departamento de Letras e Artes, da UEFS; Maria Gleide Barreto, do curso de Arquitetura da UNIME; entre outros. E não posso deixar de citar Ana Palmira Bittencourt Casimiro, do Departamento de História da UESB; Angélica Soares, no Curso de Graduação em História, da Universidade Católica do Salvador.

Não poderia omitir minha passagem pelo Curso de Design, da UNIFACS, sob a coordenação de Cleomar Rocha. Mil agradecimentos ao amigo de sempre, Pedro Vasconcelos, que, de primeira, me chamou para fazer parte do corpo docente da pós-graduação, por 15 anos, na Universidade Católica do Salvador; e aos demais colegas. Agradecimentos, em especial, às professoras Maria Julieta Mandarino e Liliana Mercuri, por me ampararem em momentos melindrosos.

Independentemente de título, eu continuaria a colaborar com as universidades, especialmente nos programas de pós-graduação de que fiz parte (Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais e História, nas faculdades de Arquitetura, de Filosofia e Ciências Humanas e na Escola de Belas Artes), porém, agora, sinto-me mais cômoda, visto que, infelizmente, ainda é genérico o conceito de inutilidade ligado à aposentadoria, mas posso me vangloriar por ser professora emérita da UFBA. Agora colaboro com o curso de Letras da UFBA.

Não sei, na realidade e concretamente, na atualidade, o quanto vale o título de professor. Hoje em dia, no Brasil, os professores sofrem com a concorrência dos treinadores de futebol, que têm o mesmo título que nós acadêmicos, e de quem recebemos menos de meio por cento do salário e, numa inversão de valores gritante. Com a perspectiva de fortuna, aqueles professores têm mais alunos, mas posso dizer que a pobreza não é privilégio de sertanejos ou de jogadores de futebol, a diferença está no patrimônio pessoal. Professor, que forma todos profissionais, não chega a ser milionário. Apesar do desprestígio do professor primário, secundário e universitário, apesar de seus salários, apesar dos pesares, se eu tivesse que começar minha vida profissional, ia fazer tudo de novo até chegar a emérita, receber o prêmio Clarival do Prado Valladares, patrocinada pela Odebrecht, o Prêmio Sérgio Milliet, dado pela ABCA e ser homenageada pelo CBHA, pelo conjunto de minhas obras e os Títulos de Cidadã Soteropolitana e Cidadã Baiana, com a mesma dedicação.

Muitos colegas e alunos sabem que levei minha vida profissional muito a sério – principalmente no âmbito da pesquisa –, em especial, meus dois filhos, Carina e Cláudio. Eles sabem que nunca fui a supermãe. Fui mãe (e pai) na medida do possível e, muitas vezes, os preteri em favor do dever profissional. Foram muitas e muitas vezes, mas o fiz sempre sem remorso algum. Obrigada, meus filhos, por aguentarem sua mãe metida a intelectual.

Teria muitas outras pessoas para agradecer. Me desculpem por não relacionar todas. E não agradeço...”

Eu risquei aqui, desculpe.

(Lê) “Foram inúmeros os alunos de cursos regulares de graduação, pós-graduação, extensão, tanto nas universidades nas quais trabalhei, nos cursos de Arquitetura, História e Belas Artes, quanto cursos em outras entidades, como IGHB – do qual sou sócia, já remida, desde 1966 –, Arquivo Municipal, Arquivo Público, entre outras instituições. Basta citar a minha primeira turma, do curso de Arquitetura da UFBA que já comemora mais de 50 anos. Essa turma e algumas outras, em especial a Diretoria, como se nomearam alunos do 2º semestre do curso de Design da Unifacs, e outras marcaram minha vida acadêmica, cuja atividade sempre levei muito a sério, pensando em contribuir para a formação de profissionais e cidadãos. Alguns ex-alunos ocuparam cadeiras na Câmara de Vereadores, nesta Assembleia Legislativa e mesmo na Câmara Federal.

Quando encerrei meu discurso na ocasião em que recebi o título de professora emérita da UFBA, agradei o título como prêmio pela minha vida acadêmica e dizia que ele representava muito mais do que isso para mim, que escolhi a Bahia para viver e trabalhar, pois ‘com dois filhos, um neto e um genro baianos e o título de professora emérita da Universidade Federal da Bahia, sentia-me baiana’. Agora, passados 18 anos, termino de forma semelhante, ‘com dois filhos, dois netos, outro genro baiano e o título dado pela Assembleia Legislativa da Bahia, sinto-me definitivamente baiana’ e baiana porque escolhi, não por acaso.”

Antes de fechar a fala de minha mãe, claro que vou aproveitar para contar uma história. Essa é rápida, prometo.

Desde jovem que eu sempre escutei de minha mãe uma história que era assim: “Carina, quando eu me aposentar eu brinco com você”.

Bom, em 94 ela se aposentou da UFBA e eu prontamente fui lá: “E aí? Aposentou. Vai brincar comigo?”

“Não, minha filha espere aí, ainda estou fazendo coisa.”

Aí foi para a Unifacs, foi para a Católica, foi para outras instituições e eu esperando o dia da aposentadoria. Ela agora, recentemente, se aposentou pelo INSS e ainda não brincou comigo.

Brincadeiras à parte, essa minha fala é para dizer para você, mãe... Essa fala é para você. É para dizer que, como a gente ficou muito juntas vindo de São Paulo para cá – eu e você, você e eu, antes do meu irmão nascer – desde cedo, percebi que a sua dedicação ao trabalho era primeiro necessária para nos sustentar, mas segundo porque eu via ali uma paixão. E eu acho que essa paixão que você traz pelo ensino, pela pesquisa, pela extensão, pela universidade foi um ponto de referência muito importante na minha formação.

Apesar de ter negado – e Ceres, tia Maria, Célia devem lembrar disso –, a minha vida inteira, a minha infância inteira eu negava. Eu dizia: “jamais vou ser professora, jamais. Nunca serei, jamais”. Porque eu via minha mãe muito dedicada ao trabalho e eu não queria aquilo, naquele momento, para mim. Ledo engano.

Alguns anos se passaram e, há 20 anos, mais ou menos, eu também me dedico à universidade. Primeiro à universidade particular e agora à pública e acho que, quando me vejo, eu paro e penso que não poderia estar em outro lugar senão na universidade.

E então, quando penso sobre isso, reconheço a melhor, a mais forte influência, que é a da minha mãe na minha vida. Porque eu acho que, na universidade – e aqui tem muitos professores que devem concordar comigo –, a gente tem, apesar de não ser uma profissão valorizada, a oportunidade de transformar vidas, de dar oportunidade, principalmente nas instituições públicas, a pessoas que tem muito pouca oportunidade. E eu aprendi com minha mãe, apesar dos 80 anos, a levar todo esse entusiasmo e esse olho brilhando para a sala de aula. Isso eu devo, na minha formação, como pessoa e como profissional, a ela.

E mais do que isso, então, no final das contas, mãe, o que eu quero lhe dizer é que você não tem que pedir desculpas por ter preterido a mim e a meu irmão. Porque a gente só tem orgulho de você e muito do que a gente é, e eu digo que – sem falsa modéstia – eu acho que sou uma pessoa extremamente correta, extremamente dedicada com o outro, e essa dimensão da humanidade, inclusive, eu aprendi com você.

Hoje, olhando para ti, aos 80 anos, eu fico pensando que nem todo mundo tem essa oportunidade de chegar aos 80 anos lúcida, ativa fisicamente – porque cai uma coisa e ela abaixa correndo para pegar, a gente só falta morrer – e absolutamente produtiva, do ponto de vista intelectual. Isso é uma bênção.

Como diria meu pai: é para levantar as mãos para o céu e agradecer. Porque nem todo mundo tem essa oportunidade e nem toda filha tem a oportunidade de ter uma mãe

com tanta produtividade, com tanta clareza. Eu acho que foram esses anos dedicados à universidade, exercitando essa cabecinha o tempo todo, pesquisando, orientando, que fizeram com que você conseguisse chegar até aqui do jeito que está.

Então, em nome de meu irmão, que não pode estar presente, dos meus filhos, seus netos, de minha tia, minha prima, de toda a família, digo que a gente tem muito orgulho de você. Muito. E você é, sem dúvida, o meu maior exemplo de vida. Obrigada.

(Palmas. Muitas palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr. PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Já concluindo. O que nós ouvimos aqui, Carina, a sua fala só reforça a importância de ter dado o Título de Cidadã Baiana para a professora Maria Helena.

Pena que não temos hoje, pelo ato que está acontecendo... e essa Casa está vazia de deputados, para que ouvissem um pouco da sua trajetória, Maria Helena. Mas isso está nos anais e nós estamos ao vivo pela *TV Assembleia*. Está gravado e está ao vivo, inclusive. E, portanto, nós só queríamos agradecer. Já estamos concluindo e quero agradecer a presença de todos e dizer que esta Casa faz, hoje, uma homenagem justíssima à cidadã que se dedica e tem se dedicado à Bahia, sua arte, sua cultura. Muitos passam por esta Casa recebendo a homenagem de tornar-se cidadão, mas poucos têm o merecimento que você tem para estar recebendo esse título.

Eu que já tive a oportunidade de recebê-lo, porque não nasci no Brasil, não nasci na Bahia, sei da importância, da emoção que dá receber o Título de Cidadã. Então, se já fiz questão de dar entrada nesse Título de Cidadã Baiana e se já considerava a importância dele, ouvindo, aqui, o seu depoimento, lido pela sua filha, e o depoimento de Paulo Maciel, seu ex-aluno, me orgulha mais ter tido a oportunidade de dar-lhe. Eu que estou orgulhosa de poder ter lhe oferecido esse Título de Cidadã.

E agora, tenho a satisfação de agradecer a presença de todos que aqui estão. Agradecer a nossa equipe do gabinete, que organizou toda essa atividade hoje, e que abriu mão de estar na greve, participando das atividades, para estar aqui, cumprindo o compromisso assumido. E agradecer aos que estão na Mesa comigo, compartilhando desse momento tão importante, ouvindo todos nós o Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Quero agradecer a presença também de Cristina Santana, assessora especial da Superintendência de Políticas para a Educação Básica, representando o secretário de Educação do Estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues. Obrigada pela presença. Agradecendo aos demais colegas, professores, arquitetos, técnicos, profissionais, amigos da professora Maria Helena que aqui estiveram hoje. E, em nome da ALBA, agradecendo a presença das autoridades civis, das Sr.^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, declaro encerrada a presente sessão.

Parabéns, Maria Helena!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.